



* ALBUM *

REDACTORES — Adalberto Amorini,
Americo Lopes e Cyro
Tavares



do Gremio Literario

"FREI MIGUELINHO"

NATAL, 23 DE JUNHO DE 1903

ALBUM

LIGEIRAS TRAÇOS

I

O NOSSO ADIANTAMENTO

O principal e um dos primeiros deveres de um governo patriótico é cuidar da instrução de seu povo. Um povo que não tenha tido instrução jamais poderá se submeter voluntariamente ás redes de um governo, por mais bem organizado e executado que elle seja, pois que é preciso ter cultura para conhecer da forma de governo que lhe rege.

E' justamente, pode-se dizer, encarando esta questão sob o ponto de vista que ella merece, bem o contrario o que se vê em quasi todo o Brasil, nesta patria tão digna de rivalisar com os centros mais civilizados do mundo : pois que a mór parte dos nossos governos preferem deixar a sagrada instrução de uma mocidade tão altiva como a nossa para se metterem em uma politica corrupta, onde quasi sempre é obrigado o cidadão a

perder o caracter para galgar uma posição, muitas vezes, quem sabe? a custa de humilhadas fraquezas, de humilhações vergonhosas. E é por isso, por não termos uma instrução que habitue o nosso povo, tão havido de conhecimentos, a tomar gosto pela sciencia das letras que não vamos marchando a vanguarda das grandes nações civilizadas.

Somos um povo novel, digno de uma originalidade inteiramente nossa, que devemos lutar pelo alevantamento de nosso nivel moral, e fazermos sobressahir o nome de nossa patria, tão injustamente amesquinhado pela myopia de certos povos que desconhecem, ou fingem desconhecer que somos um outro povo civilizado.

Tacham-nos de ignorantes, que não temos civilisação nem uma litteratura nossa, que somos retrógados, descendentes do portuguez degenerado.

Que blasphemem esses que desconhecem a grandeza dos filhos de nossa patria!

Agora, porém, tratando-se sobre certos pontos de vista, quasi que pode se asseverar que somos uma nação de imitadores do estrangeiro, e para isto prova que até a nossa propria forma de governo fomos pedil a aos Estados Unidos, cuja constituição já está provado que não pode se adaptar com os principios de nosso povo.

Devemos imital-os, não com imitações que nos humilhem, mas sermos activos e industriosos, que é de que precisamos.

Devemos trabalhar pelo progresso de uma patria, em que vemos o esmero da natureza, e nunca desmentir a passagem gloriosa de nossos antepassados, descendentes do antigo sangue do portuguez audaz e empreendedor de conquistas, com o sangue de nosso indio, cuja intrepidez caracterisavam-lhes os seus feitos.

Eis o que somos. Somos uma nação que progride.

* * *

Passando ao estudo de nosso adiantamento, a verdade é que já temos uma litteratura bastante rica, e, além disso, e o que é mais agradável, quasi inteiramente nossa.

E' que a nossa patria já tem tomado um certo impulso nos conhecimentos das letras e das artes, apesar do quasi nenhum estimulo da parte dos poderes que nos tem regido.

Pelo menos aqui neste Estado, em cuja, administração reconhece-se o bom e bello intuito de auxiliar os que procuram luz e progresso para o espirito, vemos, e com especialidade ultimamente que existe uma mocidade activa e laboriosa, que trabalha pela instrução, em prol das causas nobres e do elevamento da patria, ape-

PROSPECTO

O ALBUM publicar-se ha duas vezes por mez e assignar-se-ha a 1\$000 por trimestre pagos adiantadamente. Aceita qualquer collaboração litteraria, caso esteja em condições de ser publicada.

Toda correspondencia deverá ser endereçada para o escriptório (provisório) da redação, á rua da Conceição, casa n. 20.

zar da critica inconsciente e sem espirito de certos sujeitos que em conhecimentos apenas deixaram de ser alphabetos, e que desconhecem completamente a causa que a mocidade defende.

Esses semi-alphabetos são os desvalidos dos dons da natureza, que, ao mesmo tempo que procuram diffamar, estão provocando o riso dos que vão em sua frente, esmagando impiedosamente os effeitos de sua desmedida incompetencia, de seu reconhecido despeito.

Estes são morcegos em cuja passagem não deixam nenhum vestigio. Despercebamol-os por que não sabem o que dizem.

Sonho e realidade

Para o M. Emerenciano

Esta do olhar serenamente doce,
Que faz lembrar a Beatriz do Dante.
E' a deusa suprema que me trouxe
A lembrança de um céu puro e brilhante.

Por ella esqueço a Magua que findou-se
Ao brilho do seu rico radlante,
Riso auroral e meigo que engolphon-se
No mar da minha dôr exercenciante.

Por ella sonho edenicns venturas,
Que estrellarão em epocas futuras
O céu azulejado de um noivado...

Ella que traz nos labios preso o beijo,
Que ha de cartar a vinda do cortejo
Das esperanças deste Sonho amado!

J. GALVÃO

J. Galvão

FLAGELLO

Os horrores de uma secca cujos effeitos já se fazem sentir, se desenham, em nosso pensamento, com as cores lugubres da miseria e da dor.

Um grito surdo e cortante de lamento e de miseria inenarravel parece percorrer, as plagas desertas dos nossos sertões, no sibillar da ventania que passa, desatando um riso de ironia amarga, por sobre esses logares, onde a destruição já vaé mostrando a sua obra sinistra e cruel nos campos resequidos, onde a brisa suave e doce não perpassa e na familia faminta onde se aninham, na agonia convulsa do pranto, o desespero e o delirio da dor.

Outr'ora, ao crepusculo da manhã, na hora mystica do concerto das selvas, o viajante passava, lento, por esses bosques, nos quaes a alegria palpitava no remanso da solidão, diffundindo harmonias beneficas, somente sensiveis nesse ambiente adoravel, onde a natureza cantava psalmos de amor, no doce trinar das avesinhas do céu.

Hoje, na tristeza de sua contemplação, o viandante deixaria, de seus olhos uma lagrima quente e sentida infiltrar-se n'esse abrasado deserto, em que arvores seccas e pendidas, symbolizam as cruces dos cemiterios e que com o dorso vergado, parecem um a procissão mystica de phan-

tasmas da miseria, desertando a alegria e a vida d'essas plagas queridas.

E lá, nos maltagaes desertos, onde a cantiga saudosa dos boiadeiros, vinham, n'uma vibração grata e penetrante, acordei lembranças das nossas velhas tradições, mora, hoje, a desolação, estampada no estado miseravel da natureza que parece gemer e agonisar.

Junho-16-903

GEORGE AVELLAR

G. Avellar

OS DOIS ANJOS

A's minhas irmãs

Um alvo *chaletsinho*, edificado poeticamente entre as ramagens verdes de um bosque, ao preludio eterno e doce de um libeirinho que lhe corre nos pés, viviam pobremmente satisfeitos como um casal de pombos, sempre jovens e alegres como as cotovias das selvas, uns novos... Romeu e Julieta.

Dir-se-ia ao atirar um olhar sobre aquella vivenda, que se assemelhava a um ninho de, cimentos passariuhos, que o lugubre veo da Tristeza nunca ennumblára aquelles corações que ella guardava com um eserinio mystico de Felicidade.

Quer o sol, ardente como um beijo apaixonado em noutes enluaradas, espargisse seus raios de ouro por sobre as corollas pallidas dos lyrios nostalgicos, que se balouçam debilmente nas franásinas hastas, quer a Noute envolvesse a Natureza com seu manto escuro, marchetado de estrellas brancas como as pequeninas contas de um rosario; d'aquella habitação jámais se escaparia uma nota de Tristeza ou um gemido surdo de colera.

TRISTEZA

Ao Raul Brandão

Quando o sombrio inverno vem chegando,
As andorinhas, pelo espaço afora
Vão chilreando, ao despontar d'aurora
Em busca de um verão, em casto bando

E, quando chega a primavera, a vida,
Ellas voltam cantando ternos hymnos,
E seus gorgeios languidos, divinos
Já nós ouvimos na manhã florida

Bem como as andorinhas, eu parti
Buscando o teu olhar, e então senti
Do doce amor as illusões ethereas.

Mas ah! contente a andorinha volta.
Porem minh'alma na saudade envolta,
Chorando parte as regiões sideroas.

Natal, 1903.

PERNAMBUCO FILHO



Um dia surgira, esperado pelos beijos ardentemente puros d'aquelle 'casal, um anjinho, bello como os olhos negros de Julieta e loiro como o trigo do Verão ..

Era uma nota suavissima que Deus vibrara na harpa solea da Ventura, que vinha fazer a symphonia ternissima da *ouverture* do Amor d'aquelles corações apaixonados.

O crescimento d'aquella creaturinha que viera orlar o quadro roseo de Amor e Doçura era acompanhado dos risos e carinhos maternas...

Porem como a Felicidade é sempre ephemera como a duração das flores e traz no seio o calice envenenado do Sofrimento, um dia havia de toldar-se para sempre o lago azul e calmo do olhar d'aquellas duas almas fundidas n'um só coração.

Este dia não se fez esperar muito...

Edith, era este o nome que recebera o anjinho bello como os olhos negros de Julieta e lo-

d'all a contemplado extasiado como ella extasiada o contemplado!

Sorri graciosamente e o seu riso é correspondido pelo phantastico anjo que ella vê. Corre para chamar a mamã para com ella presentear-lo, porém vacilla.... Acha mais conveniente levar-o logo consigo, e estirando a mão sinha rosea para elle tenta segurar o atirando-se á voragem para sempre.

Mais tarde, quando aquelle

ro como o trigo do Verão, teria apenas quatro annos, quando um domingo se hurtara aos olhos ternos de sua mãe, para só sinha contemplar a superficie esverdeada do ribeiro e ouvir o segredar constante de suas ontranhas frias como os marmores de Páros. Ao chegar a sua margem, vê reflectir-se logo o seu gracioso perfil; e com essa ingenuidade de criança supõe ser um anjinho que

casal que outr'era vivia feliz a sombra de beijos e sorrisos, precioso procura a graciosa Edith, a alma pequenina de su'alma, vê apenas a fluctuar serenamente lindo, acalentado pelo romulo continuo do ribeiro, o corpinho branco e inerte do anjo que tentava buscar outro anjo do seio frio de sua propria sepultura.

E' impossivel descrever a angustia que se passava naquelles corações feltsos n'um só...

Talvez sorrissem ao contemplal-o, suppondo ainda ver a graciosa Edith adormecida no eburneo leito de seu lar...

E foi assim que eclipsou-se para sempre o astro luminoso da Felicidade, no céu profundo de uma Tristeza eterna...

Natal-1903

AD. AMORIM



A MENDIGA

(BOUCHER DE PERTHES)

Sou a pequena mendiga,
Que vos implora um bocado,
Dai de comer a innocente,
Tende dó de seu estado.
Satisfazei meu pedido,
Sabe o vosso coração...
Tenho seis annos, sem mãe,
Ah! tende, pois, compaixão!

Hontem ostava a aldeia em festa.
De nilm ninguem se lembrava;
Dançavam todos no bosque,
Mas eu com fome chorava!
Perdoai-me porque peço;
Só peço p'ra refeição;
Não sou menina gulosa;
Não vos zangueis, dai-me pão.

Jamais pensais que eu ignore
Que nós devemos soffrer;
Mas inda sou tão pequena!
Ah! não me deixeis morrer.
Da pequenina tem dó,
Que ella por vos rogará,
Tem fome; dai-lho comer,
Que alguem recompensará.

CYRO TAVARES

Insucesso de uma aventura

Torriam os primeiros dias de Abril, borrascosos e friorentes, não obstante estarmos em pleno outono e ser a cidade de C... situada na zona torrida entre 5 e 6°. de latitude austral do observatorio de Pariz, por 40°. de longitude occidental, não obstante estas causas que poderiam concorrer para um clima excessivamente quente, a cidade de C... achava-se quasi gelada: um denso nevoeiro empanava o firmamento fazendo desprender-se sobre a cidade, um chuveiro insupportavel, trazendo como consequencias um fimo intoleravel que penetrava até a medula dos ossos, mesmo do mais *pelludo* racional. E do mesmo modo que o gelo invadia a todos os habitantes, a lama invadia a todas as ruas; tornava-se quasi inaccessible o transito. Em alguns bairres reinava um silencio mortuario, que trazia ao observador perspicaz, recordações de Gomhoira ou Pompéa. Um só ponto de convergencia para onde affluia uma certa parte da população, quasi na totalidade trajando de preto como para assistir actos funebres.

Eram os actos da Semana Santa que estavam celebrando-se.

Achavam se representadas ali todas as classes: Velhos e moços, ricos e pobres, grandes e pequenos; beatas de cabeças envolvidas em expessos fechos de lan, sobraçando grossos manuaes, fanaticos que ali se achavam desde os primeiros signaes da aurora; irmandades de santos e corações de santos, trajando opas de todas as cores; herejes, athous, etc. em fim, ali havia de tudo, era um complexo de povo e de crenças.

E todas estas beatas, irmandades de corações, de santos e *santas*, ali se achavam reunidos na Egreja para assistirem a re-

presentação da tragica morte de Jesus Nazareno, occorrida ha ras horas do dia, já a Egreja excedia de sua lotação. No corpo do templo, as mulheres portavam logar para collocaem-se com suas cadeiras, outras porém, já se dariam por felizes ficando mesmo de pé se contra essas não se levantasse o clamor das q'ficavam por traz; nas arcadas e corredores, acotovellavam-se os homens, precisando entretanto, uma vez por outra *conceder uma licença á uma familia* que chegava.

Ja alto o dia e a chuva não dava treguas, continuava torrencial e impertinente para os que tinham necessidade de transitar nas ruas mal calçadas e lamacentas; mas, os que *devotamente* dirigiam-se para o templo, nenhum obstaculo encontravam, e

era assim que desde as primeiras horas do dia, já a Egreja excedia de sua lotação. No corpo do templo, as mulheres portavam logar para collocaem-se com suas cadeiras, outras porém, já se dariam por felizes ficando mesmo de pé se contra essas não se levantasse o clamor das q'ficavam por traz; nas arcadas e corredores, acotovellavam-se os homens, precisando entretanto, uma vez por outra *conceder uma licença á uma familia* que chegava.

(Cont.)

PERRO PYRRONICO

SORTES

Compostas especialmente para as sympathicas leitoras do ALBUM

SE CASARÁS Para Senhoritas

2

Por cochavos do demónio
Não supponhas ser malicia:
Introfarás matrimonio
Com um sargento de Policia.

3

Não te rezes minha santa
De'inda não 'stares casada;
Ha tanta desgraça tanta
Neste negocio espalhada...

4

Por seres um tanto incauta
Com teu' nemoro fugido,
Supponho: *tocará flauta*
O teu futuro marido.

5

Menina, se não me engano,
Se não são cousas de lendas,
Casarás no fim do anno
Com um caxeiro de fazendas.

6

Hás de tor na tua vida
Um desgosto que te peze:
—Casarás, com um dos *bicheiros*
Do anigo J. Nese.

7

Para tor noivo que quadro
Com teu genlo (oh! que desgraça!)
Hás de escolher um compadre
De fogueira, ou... de fumaça.

8

Teu noivo não é beocio,
Nem tambem um *comezinho*;
Tu has de casar com um socio
Do Gremio «Frei Miguellinho.»

9

Inda está para nascer
O teu futuro conjuge,
Mas eu penso, que ha de ser
Quem o teu nome inda surge.

10

Confesso que tonho dó
Menina, do fado teu:
Tu casarás com um *coiô*
Cascabulho do Atheneu.

11

Não penses que tenho em vista
O que a muito te expuz:
E' teu noivo apoloqista,
Intallivel do *acestruz*.

12

No dia do teu noivado,
Que sera inda este anno,
Darás ao teu namorado
O mais bello desgosto

K. LINO